

Resumo Expandido

INIQUIDADE RACIAL NAS BOAS PRÁTICAS E VIOLÊNCIAS OBSTÉTRICAS NO PARTO EM UMA MATERNIDADE ESCOLA

Guilherme Kelvin Araújo Alves¹; Amanda Santos Fernandes Coelho
Batista²; Renata Silva Lopes³

¹Enfermeiro Residente do programa uniprofissional em obstetrícia pela Secretaria de Saúde do Estado de Goiás;

²Coordenadora do programa uniprofissional em obstetrícia pela Secretaria de Saúde do Estado de Goiás;

³Tutora do programa uniprofissional em obstetrícia pela Secretaria de Saúde do Estado de Goiás.

guiguikelvin@gmail.com

INTRODUÇÃO

A iniquidade racial é a desigualdade em oportunidades e condições de vida que acontece em decorrência da etnia de uma pessoa. Indivíduos pretos, pardos e indígenas são modelos de povos que resistem aos desafios subsequentes dos processos históricos de segregação. Em consequência a isso, são populações mais vulneráveis, no que diz respeito aos condicionantes estruturais (THEOPHILO et al, 2018).

No tocante à violência obstétrica, essa é descrita por Vaz (2019), como o apoderamento inapropriado do corpo e dos processos reprodutivos das gestantes por profissionais da saúde, que se manifestam mediante a uma assistência hierárquica, desumanizada e que manipula a fisiologia da parturição em algo patológico, o que reflete para a mulher na privação de sua autonomia e na capacidade de decidir livremente sobre o seu corpo. Logo, esse tipo de violência é uma violação aos direitos humanos e sofre influência direta de fatores socioeconômicos e do critério raça/cor, sobretudo as mulheres pretas (VAZ, 2019).

OBJETIVOS

Esse estudo tem o objetivo de Verificar a influência dos aspectos raciais na prática de violência obstétrica e nas boas práticas na atenção ao parto.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo com abordagem quantitativa, de corte transversal, com coleta de dados prospectiva, realizado em uma maternidade pública na cidade de Goiânia, Goiás.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quanto aos resultados, pode-se determinar um grau de cuidados menos satisfatórios para as mulheres negras quando foi comparado com as brancas para a maioria dos indicadores avaliados neste estudo. Mulheres pretas/pardas têm maior chance de sofrerem manobra de Kristeller, amniotomia precoce, privação alimentar no trabalho de parto, clampeamento imediato do cordão e menor chance de contato pele a pele e de ser ofertado métodos não farmacológicos para o alívio da dor.

CONCLUSÕES

Conclui-se que o fator raça/cor isoladamente influencia no tratamento em que as mulheres recebem dentro do estabelecimento de saúde.

AGRADECIMENTOS

Gratidão aos meus antepassados que tanto lutaram para que eu possa ocupar o lugar que eu quiser hoje.

Gratidão ao SUS e por cada família que a mim confiou.

Gratidão as minhas amigas e novas obstetras, por cuidar tão bem um do outro e por não deixar ninguém pra trás nesse processo.

Gratidão por cada preceptor e tutor.

Gratidão a minha família, que mesmo de longe, sempre estiveram perto e eu não conseguiria sem eles.

É um gratidão muito especial a Deus, aquele que sempre esteve e continua me dando força e resiliência para enfrentar cada novo desafio.

Gratidão !

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livros e folhetos:

DAVIS A. Mulheres, raça e classe. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016. 262 p. ISBN 978-85- 19 7559-508-4.

PEARL J, MACKENZIE D. The Book of Why: The New Science of Cause and Effect. New York: Basic Books; 2018.

Artigos publicados em Revista Científica:

ALVES MTSS et al. Desigualdade racial nas boas práticas e intervenções obstétricas no parto e nascimento em maternidades da Rede Cegonha. Rev. Ciência & Saúde Coletiva, Rio de Janeiro - RJ, p. 837-846, mar. 2021. DOI 10.1590/1413-81232021263.38982020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232021263.38982020>. Acesso em: 1 ago. 2021.

AMARO, CIT et al. Benefícios da verticalização do parto. International Journal of Developmental and Educational Psychology, Portugal, v. 1, ed. 1, 2021. DOI 10.17060/ijodaep.2021.n1.v1.2130. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10662/13775>. Acesso em: 11 jan. 2023.

Assis JF. Interseccionalidade, racismo institucional e direitos humanos: compreensões à violência obstétrica. Serviço Social & Sociedade [online], pp. 547-565, n. 133, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0101-6628.159>. Acessado em: 11 jan 2023.

BATTARBEE AN, GLOVER AV, STAMILIO DM. Association between early amniotomy in labour induction and severe maternal and neonatal morbidity. Aust N Z J Obstet.

BRITO CMC et al. Violência obstétrica e os direitos da parturiente: o olhar do Poder Judiciário brasileiro. Cad. Ibero Am. Direito Sanit. Vol. 9, n. 1, p. 120-140, 2020. Disponível em: <https://www.cadernos.prodisa.fiocruz.br/index.php/cadernos/article/view/604>. Acesso em: 10 ago. 2022

CURI PL, RIBEIRO MTA, MARRA CB. A violência obstétrica praticada contra mulheres negras no SUS. Arq. bras. psicol, Rio de Janeiro - RJ, v. 72, p. 156-169, 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672020000300012&lng=pt&nrm=iso.

FERREIRA VM. Mãe preta, estudo sobre o índice de violência obstétrica entre as mulheres negras. (RE) Existência Intelectual Negra e Ancestral, Minas Gerais, p. 1-14, out. 2018. KILOMBA G. Memórias Da Plantação: Episódios De Racismo Quotidiano. Ed. Cobogo, 2019.

KOLOGESKI TK et al. Contato pele a pele do recém-nascido com sua mãe na perspectiva da equipe multiprofissional. Rev enferm UFPE on line, Recife - PE, v. 1, ed. 11, p. 94-101, jan. 2017. Disponível em: <file:///C:/Users/usuario/Downloads/11882-28501-1-PB.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2022.

Lansky S et al. Violência obstétrica: influência da Exposição Sentidos do Nascer na vivência das gestantes.

Ciência & Saúde Coletiva [online], v. 24, n. 8, p. 2811-2824, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232018248.30102017>. Acesso em: 11 jan. 2023.

LEAL MC et al. A cor da dor: iniquidades raciais na atenção pré-natal e ao parto no Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro - RJ, ano 2017, p. 2-17, 2017. DOI 10.1590/0102-311X00078816. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00078816>. Acesso em: 1 ago. 2021.

NASCIMENTO KIM et al. Kristeller's maneuver: obstetric violence. *Brazilian Journal of Health Review*, Curitiba, v. 4, ed. 2, p. 7362-7380, abr. 2021. DOI 10.34119/bjhrv4n2-278. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/ojs/index.php/BJHR/article/view/27710/21918>. Acesso em: 10 ago. 2022.

OLIVEIRA KA et al. Associação entre raça/cor da pele e parto prematuro: revisão sistemática com meta-análise. *Revista de Saúde Pública*, [s. l.], ano 2018, v. 52, p. 26, 30 out. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/S1518-8787.2018052000406>. Acesso em: 5 ago. 2021.

Pereira ACC et al. Métodos não farmacológicos para alívio da dor durante o trabalho de parto: revisão sistemática. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, v. 12, n. 10, p. e4448, out. 2020. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/4448>. Acesso em: 11 jan. 2023.

PICOLI RP, CAZOLA LHO, LEMOS EF. Mortalidade materna segundo raça/cor, em Mato Grosso do Sul, Brasil, de 2010 a 2015. *Rev. Bras. Saúde Matern. Infant*, Recife-PE, ano 2017, v. 17, ed. 4, p. 739-747, 2017. DOI 10.1590/1806-93042017000400007. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1806-93042017000400007>. Acesso em: 3 ago. 2021.

QUEIROZ, MS et al. Discussões sobre a anemia falciforme na Semana da Consciência Negra: contribuições do PIBID. *Revista Sertão Sustentável*, [s. l.], v. 3, ed. 1, p. 14-19, dez. 2021. Disponível em: <file:///C:/Users/usuario/Downloads/37.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2022.

STRADA JKR et al. Fatores associados ao clampeamento do cordão umbilical em recém nascidos a termo. *Rev Esc Enferm USP*, [s. l.], p. 1-8, 9 fev. 2022. Disponível em: 20 <https://doi.org/10.1590/1980-220X-REEUSP-2021-0423>. Acesso em: 12 ago. 2022.

THEOPHILO RL, RATTNER D, PEREIRA EL. Vulnerabilidade de mulheres negras na atenção ao pré-natal e ao parto no SUS: análise da pesquisa da Ouvidoria Ativa. *Rev. Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro - RJ, ano 2018, v. 23, n. 11, p. 3505-3516, 18 mar. 2018. DOI 10.1590/1413-812320182311.31552016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-812320182311.31552016>. Acesso em: 2 ago. 2021.

TORRES M et al. Evidência sobre a posição da grávida no segundo estágio do trabalho de parto. *Acta Obstet Ginecol Port*, Coimbra, v. 12, n. 4, p. 277-283, dez. 2018. Disponível em . Acesso em 12 ago. 2022.

ZANARDO GLP et al. Violência obstétrica no Brasil: uma revisão narrativa. *Psicologia & Sociedade*, Porto Alegre - RS, p. 1-11, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2017v29155043>. Acesso em: 27 set. 2021.

Monografias, Dissertações e Teses:

SANTOS RFM. A ALIMENTAÇÃO DURANTE O TRABALHO DE PARTO. Orientador: Professora Doutora Cândida Koch. 2020. 120 p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Escola Superior de Enfermagem do Porto, Porto - Portugal, 2020.

VAZ AP. O Enfrentamento da Violência Obstétrica de Viés Racial na América Latina Sob a Ótica Dos Direitos Humanos. Orientador: Marcos Oliveira de Jesus. 2019. 43 f. Dissertação (Especialização em Direitos Humanos) – INSTITUTO.

Normas Técnicas:

Brasil. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Aprova normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília: Diário Oficial da União, 2013. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html. Acesso em: 12 fev. 2021.

World Health Organization. WHO recommendations: intrapartum care for a positive childbirth experience [Internet]. Geneva: WHO; 2018.

Referências legislativas:

Brasil. Portaria de consolidação no 3, de 28 de setembro de 2017. Consolidação das normas sobre as redes do

Sistema Único de Saúde. Diário Oficial da União 2017; 28 set.